

Forma-se um analista”: o título de um dos artigos deste número evoca imediatamente o estudo de Freud, “Batê-se numa Criança”. O paralelo é menos inusitado do que parece, pois a fantasia sádica de punição da “outra criança” recobre, como sabemos, a identificação com ela e a disputa pelo amor do pai. Aquisição de uma identidade, necessidade de reconhecimento, submissão masoquista ao desejo do outro, uso manipulador dos afetos, rivalidades fraterno-edípicas pelos emblemas de uma condição desejada - quem não reconhece, nesta lista inquietante, os percalços tão freqüentes no processo de formação?

Contudo, também se pode ler o “forma-se” na voz reflexiva: alguém se torna responsável pelo que se passa em seu trajeto pessoal, pelos efeitos formadores da análise à qual se submete, pelo que absorve e metaboliza das supervisões, grupos e seminários que balizam um roteiro irreduzível a qualquer outro. Algo de artesanal, neste movimento, recorda a transmissão dos antigos ofícios, combinando o contato com os mais experimentados e o estímulo ao desenvolvimento de cada um segundo sua própria vocação, culminando com o ingresso na corporação - isto é, com o reconhecimento pelos pares - quando o aprendiz dava mostras suficientes de dominar os rudimentos da sua arte.

A formação é um tópico que nos interessa a todos, em todos os quadrantes teóricos em que nos agrupamos atualmente. Muito já se escreveu sobre as complexas questões que ele envolve, e sobre os métodos inventados, ao longo da história do movimento freudiano, para resolvê-las ou contorná-las. Este número de *Percurso* procura espelhar tal variedade, trazendo artigos de membros do Departamento e de analistas exteriores a ele, escritos a partir de ópticas diversas e enfatizando momentos diferentes do processo formativo. Alguns textos os focalizam numa perspectiva mais narrativa,

descrevendo uma trajetória singular e refletindo a partir dela; outros abordam de modo mais conceitual tópicos relevantes na discussão do tema, como o risco de idealização dos mestres e das instituições, a apropriação das teorias como elementos constitutivos do pensar psicanalítico, ou os fatores que podem fazer “fracassar” o projeto de formação. Em todos, porém, faz-se presente a idéia de que a formação de um psicanalista não se dá necessariamente conforme os cânones das diversas instituições - nem mesmo os da nossa instituição - mas é algo vivido na carne, visceralmente, como experiência profundamente pessoal. E isto quer no interior do volume definido pelo célebre tripé - análise, supervisão, estudo teórico - quer em atividades como a pesquisa ou a intervenção institucional, que podem ter efeitos formativos se as considerarmos como experiências-desafio, capazes de provocar impacto na imagem que o analista tem de si e de sua prática.

Para nós, do Departamento de Psicanálise, a formação é um processo que deve permanecer em aberto: o contato com nossos pacientes, os encontros felizes ou traumáticos com o novo e com o “outro”, as vicissitudes da transferência sobre as figuras magistras de nossos próprios trajetos, podem e devem tornar-se momentos fecundos para a constituição de uma identidade analítica que não exclua a mobilidade psíquica e intelectual. Sem que se precise ter por desejável um estado de convulsão permanente, convém que tal identidade não se cristalice em blindagens defensivas, ancoradas em formas anti-analíticas de convivência institucional. É procurando favorecer este dinamismo que *Percurso* publica hoje os artigos, debates e resenhas que o leitor tem em mãos: se assim pudermos estimular a reflexão sobre questões tão cruciais quanto inelimináveis, teremos cumprido nosso objetivo e nossa função.